

**ROCK AND ROLL E CULTURA: A PRODUÇÃO DISCURSIVA DA CRISE  
AMBIENTAL EM TEMPOS CONTEMPORÂNEOS<sup>1</sup>**

**ROCK AND ROLL AND CULTURE: THE DISCURSIVE PRODUCTION OF THE  
ENVIRONMENTAL CRISIS IN CONTEMPORANEOUS AGE**

VIEIRA, Virgínia Tavares  
vi\_violão@yahoo.com.br  
FURG – Universidade Federal do Rio Grande

HENNING, Paula Corrêa  
paula.c.henning@gmail.com  
FURG – Universidade Federal do Rio Grande

**RESUMO** O presente artigo investiga a forma como o *rock and roll* vem contribuindo para pensarmos na crise ambiental que se instala na atualidade. Para responder a essa investigação, foram selecionadas letras de *rock* de seis bandas de países ocidentais, as quais tratam da temática ambiental. Apoiado em autores como Michel Foucault e Zygmunt Bauman, o artigo buscou problematizar que enunciações de natureza, ser humano e degradação ambiental estavam presentes no material colocado em suspenso. O caminho metodológico selecionado para operar com o material empírico trata de algumas ferramentas da análise do discurso, a partir de Michel Foucault, trabalhando especificamente com os conceitos de discurso e enunciado. Diante do material analisado, o estudo apontou para um enunciado potente que nos auxilia olhar para a problemática ambiental de forma apocalíptica.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crise Ambiental. Michel Foucault. *Rock and Roll*.

**ABSTRACT** The present article investigates the way rock and roll music has been contributing to the discussion about the environmental crisis of our present days. To answer this investigation, lyrics from six different rock bands of different Western countries, which are related to this topic, were selected. Supported by authors such as Michel Foucault and Zygmunt Bauman, the article tries to problematize the nature's enunciations, man, and environmental degradation that were present in the material studied. The methodology selected to operate with the empirical material is based on some speech analysis instruments from Michel Foucault, specifically working with the concepts of statement discourse. By analyzing the material, this study points to a strong statement that helps us to face the environmental crisis in an apocalyptic way.

**KEYWORDS:** Environmental Crisis. Michel Foucault. Rock and Roll.

## **1 PROVOCAÇÕES INICIAIS**

---

<sup>1</sup> O presente artigo é parte de uma pesquisa mais ampla que teve como objetivo investigar o discurso da crise ambiental nas letras de *Rock and Roll* de bandas ocidentais. Assim sendo, o estudo apontou dois enunciados potentes que constituem e sustentam tal discurso nas letras investigadas, sendo eles: o terror e o medo pela perda do planeta e o antropocentrismo. Neste artigo, apresentamos uma das formas de olhar para a crise ambiental – o terror e o medo pela perda do planeta.

O presente artigo tem a intenção de mostrar a importância do *rock and roll* para pensarmos a trama discursiva que vem compondo o campo da Educação Ambiental (EA). A partir da análise de letras<sup>2</sup> de músicas de diferentes bandas de *rock* colocamos em suspenso o discurso da crise ambiental, sustentada segundo uma perspectiva foucaultiana. Nosso estudo tem como propósito tecer relações entre o campo de saber da EA e o da Música, quando atravessados por questões sociais, políticas, econômicas, culturais e ambientais. Nesse sentido, vemos a música como um instrumento importante para discorrermos sobre as inúmeras formas de se constituir o mundo e estabelecer relações com o mesmo, entendendo que a arte também constitui discursos e verdades, que nos interpelam e nos produzem enquanto sujeitos deste tempo.

Acreditamos que a música é uma das diversas formas de produzir conhecimento, pois, como diz o historiador Geraldo Vinci, “para entender a música e os diferentes gêneros musicais, é preciso entender a sociedade na qual ela está inserida, assim como para entender uma sociedade, é preciso, entre outros fatores, entender a ‘música’ que nela se insere” (VINCI *apud* PAIÃO, 2010, s/p, grifo do autor). Seguindo nesta mesma linha de pensamento, apreendemos o *rock and roll* como um importante artefato cultural capaz de auxiliar na produção de modos de ser, existir e conviver no mundo.

O *rock and roll*, surgido nos EUA, foi considerado um fenômeno cultural do século XX que conquistou o mundo e que permanece até os dias atuais. Mugnaini Jr. (2007, p. 10) afirma que “nunca a música teve tamanha importância para a sociedade, e nenhum tipo de música tem sido tão influente quanto o *rock and roll* [...]”. Corroborando a citação acima, Grande (2006), ao estudar a importância do gênero *rock and roll* no comportamento da juventude no século XXI, diz que:

Incontestavelmente, o rock ainda consegue agregar adeptos e, assim, sensibilizar fãs das mais variadas faixas etárias, classes sociais e visões de mundo. Evidentemente que cada indivíduo possui sua relação peculiar com o rock, seja para ouvi-lo apenas, seja para fazer dele um roteiro de vida. Atreladas a estas questões, tem-se toda a tecnologia proporcionada atualmente (cds, dvds, internet, tv etc) e que possibilita a construção de uma teia de informações no tocante ao rock; por conseguinte, de forma

---

<sup>2</sup> Todas as letras analisadas neste estudo foram traduzidas livremente pelas autoras do artigo, estando, dessa forma, sob nossa responsabilidade.

perene ou não, este gênero musical se faz presente em parte da juventude levando milhares no planeta ao “mundo” do rock (GRANDE, 2006, p.10).

De estrutura harmônica simples, o *rock*, em seu surgimento, tornou-se uma forma de comportamento de toda uma juventude que via, nesse estilo musical, um meio de protestar contra uma sociedade conservadora. Certamente, vivemos outro tempo histórico, social, político, econômico e cultural, e, talvez, o *rock and roll* não tenha a mesma força política das décadas de 1950, 1960 e 1970. No entanto, tal artefato cultural ainda vem atravessando jovens que veem na arte uma forma de protestar e lutar por seus ideais políticos e sociais. Assim,

[...] o rock vigora de modo considerável desde os anos 50 do século XX e, indubitavelmente, tem a sua parcela de fãs que se envolvem não somente com a sonoridade em si, mas também com ideologias, visual e condutas pautadas por este gênero musical. (GRANDE, 2006, p.9).

No entanto, o que a pesquisa pretendeu evidenciar é o quanto esse gênero musical continua apresentando um caráter político e contestador. O discurso de crise ambiental, fortemente presente em algumas letras de *rock*, ajuda-nos a pensar no século XXI, nos problemas sociais, culturais e ambientais vivenciados pela sociedade do presente. O *rock* torna-se objeto de análise, pois traz consigo questões importantes do dia a dia e, dessa forma, vamos sendo educados e ensinados, por meio de artefatos culturais, a ter atitudes em prol do planeta. Aquecimento global, derretimento de geleiras, fome, acúmulo de produção de lixo e desmatamento de florestas são enunciações recorrentes que, cada vez mais, dão o tom da crise ambiental que se instala no mundo. Podemos dizer que as enunciações acima citadas aparecem de forma significativa nas letras das bandas selecionadas para este estudo. Isso nos faz perceber o quanto o *rock* continua mantendo um caráter contestador ao apontar, em diferentes lugares do mundo, uma preocupação global com a situação de degradação planetária. Nesse sentido, é possível pensarmos que tal gênero musical pode potencializar o pensamento da sociedade sobre os modos ecológicos de viver na atualidade.

A partir dessas premissas, entendemos que o *rock* é um importante artefato cultural que auxilia na fabricação dos nossos modos de existir e conviver na atualidade. Certamente, não o tomamos como “o” único ou “o” instrumento mais importante nessa fabricação: tomamo-lo como um elemento potente que reverbera

verdades e nos vai ensinando como devemos olhar, narrar e nos comportar diante da tamanha crise ambiental que se instala em nosso mundo.

Embora o nosso objeto de análise seja baseado nas letras de música, acreditamos ser importante ressaltar que as bandas de *rock* presentes na pesquisa destacam-se por estarem preocupadas com causas sociais e ambientais. O ativismo político e ecológico pode ser observado diante do número de letras produzidas pelas bandas, ao lutarem por causas ambientais. Um exemplo disso é a banda alemã *Scorpions*, que gravou em 2007, no Brasil, o DVD *Amazônia: Live In The Jungle*, com objetivo de alertar para o desmatamento da floresta amazônica e o aquecimento global. Também merece destaque a banda *Disturbed*, de *hard rock/heavy metal*, que em seu álbum *Asylum*, gravado em 2010, nos Estados Unidos, a música *Another Way To Die*, que trata do aquecimento global, obteve mais de seis milhões de acessos na internet.

Já a banda australiana de *rock* ativista, *Midnight Oil*, surgida no início da década de 1970, também resalta, em seus trabalhos, temas relacionados à crise ambiental. Com ideais políticos e letras contestadoras, o grupo ficou conhecido no mundo inteiro por lutar pelas causas ambientais e justiça social. Dentre os vários álbuns que a banda lançou ao longo de sua carreira, ressaltamos o *Blue Sky Mining*, gravado no início da década de 1990, o qual acabou se tornando um marco na carreira do grupo e, também, na música mundial. De acordo com o site oficial<sup>3</sup> da banda, durante a turnê em Nova Iorque, na ilha de Manhattan, o grupo realizou um espetáculo em frente a uma companhia responsável por um vazamento de óleo no Alasca, com o intuito de protestar a favor do meio ambiente. A manifestação atraiu a atenção do mundo para o fato acontecido. Posteriormente, o grupo lançou um documentário intitulado *Black Rain Falls*, o qual gerou fundos para o Greenpeace.

Em 2011, a *Rock The Earth*<sup>4</sup> premiou com o *Planet Defender* a banda estadunidense *Pearl Jam*, por seu ativismo ecológico na categoria “Artista”, a partir da canção *Do The Evolution*, música esta que trata sobre a evolução do homem.

---

<sup>3</sup> <http://www.midnightoil.com/biography>

<sup>4</sup> A *Rock The Earth* é uma organização sem fins lucrativos e de interesse público, que tem o compromisso de proteger e defender os recursos naturais da América por meio de parcerias com a indústria da música e da comunidade mundial do meio ambiente (<http://www.rocktheearth.org/joomla/>).

Defensores de uma política ecologicamente correta, os integrantes da banda, de alguma forma, participam de causas ambientalistas. Segundo a organização *Rock The Earth*, um dos objetivos do grupo é compensar, por meio da utilização de portfólios de carbono e da doação de recursos para o plantio de árvores, a emissão de carbono gerada por suas viagens.

Enfim, como podemos observar, as bandas apresentadas demonstram um caráter político e engajamento em causas sociais. E foi justamente por trazer tal caráter contestador sobre o cenário ambiental que vivemos na atualidade que estas bandas foram selecionadas para compor o *corpus* discursivo da pesquisa que ora apresentamos.

O mundo vive hoje uma crise ambiental decorrente do modelo social, político, econômico e cultural: os nossos modos de ser e viver no mundo contemporâneo acabam contribuindo também para a degradação do planeta (GUATTARI, 2008). Essa realidade, que ora se apresenta, atravessa a todos que habitam o planeta Terra. Vivemos, no século XXI, uma crise social e ambiental que diariamente nos provoca a pensar na qualidade de vida e no futuro da espécie humana. Pensando nisso, colocamos em suspenso algumas letras de música do *rock and roll* para problematizarmos como se constituem e se produzem saberes referentes às problemáticas ambientais.

Apreender (por meio de artefatos culturais como a música) a forma como viemos sendo ensinados e educados em meio a esse emaranhado de ditos referentes à crise ambiental é fundamental para entendermos como nos constituímos e nos tornamos sujeitos ambientais. Enunciações como as que aqui serão analisadas, ao serem postas em circulação, colocam em funcionamento uma operação de poder que subjetiva os sujeitos quanto a determinadas formas de cuidar, pensar, olhar para o meio em que vivemos e, assim, agir “ecologicamente correto” – atitude que está relacionada a um modo ideal de ser, estar e viver no mundo de uma forma “consciente”.

Diante disso, cabe questionar: de que forma a música nos interpela com enunciações referentes à crise ambiental? Como o *rock and roll* nos atravessa, educa-nos, constitui-nos e nos faz olhar para a EA e para o discurso da crise ambiental? É com esses questionamentos que direcionamos nosso olhar para as

letras de música, percebendo a recorrência de enunciações que davam visibilidade à perda do planeta. À vista disso, passamos a evidenciar ao leitor os caminhos metodológicos que auxiliaram na visibilidade do discurso da crise ambiental em tempos contemporâneos.

## 2 CAMINHOS METODOLÓGICOS: DIRECIONANDO O OLHAR

A pesquisa em questão busca olhar para o discurso da crise ambiental a partir do *rock and roll*, gênero capaz de possibilitar entender como a música nos atravessa com enunciações e enunciados que compõem e sustentam o discurso da crise ambiental. Afinal, para que uma prática discursiva possa ser amparada, ela precisa estar entrelaçada e apoiada em uma rede mais complexa de saberes e, assim, entrar na ordem do discurso.

O material empírico selecionado para análise deu-se com uma busca *online* por letras de bandas de diferentes países ocidentais que abordassem a temática *Rock and Roll* e EA, atravessada por questões sociais, políticas, econômicas, ambientais e culturais. As bandas foram escolhidas previamente por seu caráter contestador e por seu ativismo ambiental em prol do planeta. Deparamo-nos com artefatos como *ecobags* com ídolos do *rock*, *blogs*, artistas ativistas de causas ambientais, bem como letras que tratavam das questões ambientais. Além de buscarmos canções já conhecidas por nós, pesquisadoras atravessadas pelo gênero musical *rock and roll*, procuramos, com palavras-chave diversas, músicas e álbuns na internet. As palavras-chave que compuseram nossa busca foram: “*rock and roll* e a crise ambiental”, “*rock and roll* e EA”, “*rock and roll* e o aquecimento global”, “*rock and roll* e o derretimento de geleiras”, “*rock and roll* e a natureza”, “*rock and roll* e o homem” e, por fim, “*rock and roll* e o consumo”.

Nessa busca, foi encontrado um número relevante de letras para dar início à pesquisa, atingindo um total de 40 letras de bandas de diferentes lugares. Ressaltamos a importância das bandas para o estudo, principalmente por se tratar de grupos musicais de diferentes regiões, evidenciando o quanto a questão da crise ambiental é um problema social não apenas do Brasil, mas do mundo de uma forma geral. Porém, gostaríamos de pontuar que a proposta da pesquisa não se vincula à

análise das bandas, mas sim, às letras de música. Com o material selecionado, optamos por seis grupos de diferentes localidades: banda Cólera (Brasil), Scorpions (Alemanha), Midnigth Oil (Austrália), Disturbed (Chicago, EUA), R.E.M. (Geórgia, EUA) e Pearl Jam (Washington, EUA). As bandas selecionadas discorrem, em suas letras, acerca de temas referentes à crise ambiental, as quais foram anteriormente mencionadas. Após essa etapa, passamos a estudar cuidadosamente o material, a fim de separar enunciações que se relacionavam umas com as outras, para então edificar os enunciados.

Ao utilizarmos de algumas ferramentas foucaultianas para analisar o discurso da crise ambiental presente nas letras selecionadas, precisamos construir as bases enunciativas que dariam suporte ao discurso em questão. Nesse sentido, nosso objetivo foi agrupar as enunciações para que fosse possível dar visibilidade aos enunciados, ou seja, era preciso dar sustentação ao eixo central da análise do discurso. Visto desse modo, o enunciado é de extrema importância para a “condição de existência” de um discurso, pois, nas inúmeras definições sobre discurso, Foucault nos diz: “Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados que se apóiem na mesma formação discursiva” (FOUCAULT, 2012, p. 135).

A partir das análises das letras em questão, o estudo aponta para um enunciado, que intitulamos da seguinte forma: “Terror e medo pela perda do planeta”. Trata-se de enunciações pautadas pelo medo e terror diante de visões apocalípticas, aqui tão bem retratadas por letras que descrevem o quanto o fim do mundo pode estar próximo se não repensarmos nossas atitudes em prol do futuro do planeta e da qualidade de vida na Terra. Para que possamos compreender tal discurso, é importante investigar que conjunto de enunciações, de enunciados e demais discursos se apoiam e se entrelaçam no discurso da crise ambiental. Com base nesses aspectos, procuramos mostrar o quanto o discurso da crise ambiental está presente em diferentes letras de *rock* (principalmente a partir da década de 1990) e que esse artefato cultural se torna potente para pensarmos a atualidade, os problemas sociais, políticos, econômicos e culturais que vivenciamos neste século XXI.

Para realizar este estudo, selecionamos como metodologia da pesquisa algumas ferramentas da Análise do Discurso a partir de Michel Foucault, operando

especificamente com o conceito de discurso e enunciado. Gostaríamos de ressaltar que nossa proposta não se vincula a analisar as bandas, ou seja, os autores e compositores de tais obras. Dessa maneira, como nos diz (FOUCAULT, 2012, p. 59), “fica-se, tenta-se ficar no nível do próprio discurso”. Sendo assim, não buscaremos desvendar o que está oculto no discurso, nem mesmo o que está nas entrelinhas. Por essa razão, interessa-nos o dito, somente o dito, tomando o discurso em sua exterioridade, como ensina o filósofo francês. Portanto, é no dito e no visível (aqui, especificamente, a partir das letras de *rock and roll*) que pretendemos investigar que verdades estão sendo fabricadas sobre a crise ambiental; que verdades nos atravessam e nos remetem a assumirmos formas ideais de ser, de pensar e agir. Vale referir que, no referencial teórico escolhido, entendemos a verdade como uma fabricação, como um jogo de forças, o qual coloca alguns ditos no verdadeiro e outros fora de uma ordem do discurso instaurada em determinados tempos sociais, políticos, culturais e ambientais.

Nesse contexto, entendemos o discurso como esse conjunto de coisas ditas em um determinado tempo e lugar que, ao ser colocado em funcionamento, produz saberes e verdades em nossas vidas. Ao discorrer sobre o discurso, Foucault nos diz:

Eu parto do discurso tal qual ele é! Em uma descrição fenomenológica, se busca deduzir do discurso alguma coisa que concerne ao sujeito falante; tenta-se encontrar, a partir do discurso, quais são as intencionalidades do sujeito falante – um pensamento em via de se fazer. O tipo de análise que pratico não trata do problema do sujeito falante, mas examina as diferentes maneiras pelas quais o discurso desempenha um papel no interior de um sistema estratégico em que o poder está implicado, e para o qual o poder funciona (FOUCAULT, 2012, p. 253).

Assim, o que pretendemos fazer é mostrar o que está dito em algumas letras de *rock* na atualidade; é pontuar e compreender o quanto o momento histórico em que vivemos se torna a cada dia mais visível em diferentes artefatos culturais que nos fazem ver, olhar e pensar, com potência, no futuro da vida no planeta. Como argumenta (WORTMANN, 2010, p. 14), precisamos dar destaque “às práticas ambientais contemporâneas a partir da atribuição de centralidade a cultura”. Para que uma prática discursiva possa entrar em operação, esta necessariamente obedece a certas regras que a tornam evidente, que a tornam visível. As regras de

formação de um discurso devem estar associadas e sustentadas por enunciações, enunciados e outros discursos e, também, por outros conceitos. Na busca por tais questões, este estudo foi se constituindo.

Desse modo, o que vimos fazendo é delimitar a emergência de tais enunciados no atual momento histórico, social e cultural em que vivemos. Diante disso, eles vão constituindo o nosso olhar sobre o mundo e, principalmente, a forma como olhamos para a crise ambiental. Podemos dizer que o enunciado está na ordem do dito, do visível – está na ordem do discurso. Este carrega significados que, em nossa sociedade, são aceitos como verdadeiros, exercendo funções que dão sentido ao discurso aqui colocado em suspenso. Destacamos a importância de olharmos para a música como uma ferramenta potente nos dias atuais para pensarmos a crise ambiental. Ressaltamos, ainda, a importância de voltarmos nosso olhar para tal estilo musical, que é capaz de suscitar discussões tanto no campo da Música como da EA. Enfim, o que queremos evidenciar é que o *rock* vem produzindo enunciações que entram na ordem do discurso tido como verdadeiro em nossa sociedade, diante de uma crise ambiental; que o *rock* é capaz de auxiliar na modulação de nossa forma de olhar, de nos educar, de nos ensinar modos ecológicos de ser, estar e pensar na contemporaneidade.

### **3 O TERROR E O MEDO PELA PERDA DO PLANETA NAS LETRAS DE ROCK AND ROLL**

Neste momento, nossa pretensão é dar visibilidade à forma como o *rock and roll* nos faz pensar a crise ambiental, interpelando-nos por meio do medo pela perda do planeta. Com o material colocado em análise, destacamos que tais enunciações presentes em algumas letras de música deste gênero musical tratam a questão ambiental de forma apocalíptica, de acordo com a qual o homem, um dia, poderá não ter mais esse mundo para viver.

Com chamamentos potentes, anunciando o fim do mundo provocado pelo próprio ser humano, muitas letras de *rock* colocam em circulação dizeres que nos atravessam e nos fazem pensar o quanto a crise ambiental é a resposta para tudo que fizemos à natureza. Os ditos colocados em evidência, nos quais a ênfase se dá

de forma apocalíptica, não se restringem apenas a esse artefato cultural. Vimos circular, nos mais diferentes veículos de comunicação, uma campanha mundial para salvarmos o planeta, mediante uma política pautada no terror e no medo de uma catástrofe ambiental. Os nossos modos de vida consumistas, as toneladas de lixo produzidas diariamente, a população que cresce a cada minuto, a floresta que é devastada, entre tantas outras coisas, ameaçam a vida humana na Terra. Enfim, o alerta é de que precisamos mudar urgentemente os nossos modos de ser e estar no mundo para não perdermos o nosso planeta.

Já na década de 1970, quando começaram a ser realizados os grandes encontros pelo mundo em prol do meio ambiente, os assuntos que se tornaram pauta nos eventos que marcaram a nossa história, bem como a da EA, foram o consumo e a utilização dos recursos naturais não renováveis. Esses seriam os principais responsáveis pela degradação de nosso ambiente. A busca que se deu na época, e que permanece até os dias atuais, seria por uma “autoconsciência” da humanidade para evitar o fim dos recursos naturais, mudar os modos de vida e melhorar a qualidade de vida da população e das futuras gerações. Com tais discussões, a EA começou a ganhar espaço. Nas décadas seguintes, a crise ambiental passa a tomar visibilidade e entra em pauta em nossas vidas.

Na atualidade, o que vemos se proliferar por meio dos artefatos culturais e da mídia é uma busca incansável por um “sujeito ecológico” (CARVALHO, 2011), ou seja, um tipo ideal de sujeito que esteja preocupado em modificar seus modos de ser e de tecer suas relações com o meio em que vive. Diante disso, ressaltamos o quanto o discurso ecológico está atrelado a um consumo desenfreado, ou melhor, há uma propagação de produtos, modos de ser e viver que estejam em consonância com um mundo mais sustentável: os papéis reciclados, as sacolas retornáveis, os móveis *ecowood*, enfim, uma infinidade de produtos à venda com preços, muitas vezes, nada acessíveis. Na busca de um sujeito preocupado com a sustentabilidade da vida neste planeta e com a qualidade de vida das futuras gerações, deparamo-nos com enunciações que nos capturam, persuadem e nos convocam a participar dessa campanha massiva em prol do planeta.

Dessa forma, evidenciamos que muitos artefatos culturais auxiliam na fabricação de jeitos de ser “ecologicamente correto”. A campanha que convoca a

todos a pensar em suas ações em benefício do planeta está em todos os lugares e, atrelado a ela, está um forte chamamento que nos alerta para os riscos que corremos. Pautados por uma visão apocalíptica, tais ditos, ao serem postos em circulação, fazem-nos pensar o quão necessário é mudar nossas atitudes, pois o futuro do planeta depende de nós. Com sentenças como essas, que entram na ordem do discurso verdadeiro, vamos entendendo que temos o compromisso de dirigir ao máximo nossos esforços para tentar minimizar o quadro calamitoso que se instala.

Em um período de crise ambiental e de mundialização da cultura consumista, o consumo “verde” cada vez mais invade o mercado por conta da importância de se constituir modos ecológicos de ser. Em decorrência da crise ambiental vivida na atualidade e a continuidade de um capitalismo globalizado, novas medidas terão de ser adotadas, dentre as quais, um consumo ecológico e sustentável.

Em presença de um enunciado potente como o que apresentamos, diante de tanta devastação ambiental provocada pelos modos de ser e viver a/na contemporaneidade somos convocados a mudar nossas atitudes em benefício do planeta. Uma das formas de modificá-las e fazer do homem um sujeito ambiental mais preocupado com o mundo é por meio da compra de produtos sustentáveis. Sendo assim, cabe questionar: seria mediante uma política pautada pelo medo, tão potente nas letras de *rock*, a forma de aderirmos a atitudes ecologicamente corretas? As enunciações abaixo mostram como o *rock* chama a nossa atenção para pensarmos a crise ambiental:

[...] Nossa devoção a nosso apetite traiu a todos nós [...] Um perigo apocalíptico, mais destruição será revelada, a mãe Terra mostrará seu lado mais negro e cobrará seu preço. É apenas outro modo de morrer [...] Consequências que não podemos evitar com o tempo [...] Um sinal de devastação vindo. Nós não precisamos de outra maneira de morrer. Podemos nos arrepender a tempo? O relógio da bomba está rolando e ninguém está ouvindo. Nosso futuro está desaparecendo. Há alguma esperança de que nós sobrevivamos? Mesmo assim nós devastamos o mundo que amamos e os milhões clamam para serem salvos [...] É apenas outro modo de morrer [...] Espécies caem diante de nossos próprios olhos, um mundo sem o qual não podemos viver [...] Mesmo assim nós devastamos o mundo que amamos e os milhões clamam para serem salvos [...] É apenas outro modo de morrer (DONEGAN; DRAIMAN; WENGREN; MOYER, 2010, *tradução nossa*).

Então aqui estamos. É a hora um, e é um pesadelo. Não sobrou nada e ainda assim é bom estar vivo. Chorar não servirá para nada, pois o universo não é justo. O cruel e o inocente estão lutando para sobreviver. A natureza humana é a razão para a nossa decadência (SCHENKER; MICHAEL; CHILD, 2007, *tradução nossa*).

Lá onde o rio quebrou a madeira vermelha e o carvalho do deserto destroços contidos e diesel ferventes. Fumaça em quarenta e cinco graus. Chegou a hora [...] Como podemos dançar quando a nossa Terra está girando? Como nós dormimos enquanto as nossas camas estão queimando? [...] O deserto do oeste vive e respira em quarenta e cinco graus. Chegou a hora de dizer que o que é justo é justo [...] De pagar a nossa parte [...] Como podemos dançar quando a nossa Terra está girando? Como dormimos enquanto as nossas camas estão queimando? (HIRST; MOGINIE; GARRETT, 1987, *tradução nossa*).

Ondas da maré não imploram por perdão, quebram, então seguem seus caminhos [...] Um floco de neve pode cair em maio e as portas estão abertas agora. Conforme as campainhas estão tocando, pois o homem do momento está fazendo sua última reverência. Adeus por agora. A natureza como sua própria religião. Evangelho vindo da terra. O pai dominou por um longo tempo [...] Homens jovens, eles fingem, homens velhos compreendem e o céu quebra ao amanhecer espalhando luz sobre essa cidade. Eles todos se arrependem pois o homem do momento está fazendo sua última reverência. Adeus por agora [...] (VEDDER, 2004, *tradução nossa*).

A crise ambiental está instalada, e a forma como nos deparamos com o discurso da crise ambiental é o que vimos investigando. As letras acima apresentadas, compostas por grupos de diferentes lugares do mundo, apontam para o homem e sua ambição como o motivo de tanta degradação. O material em destaque traz um olhar apocalíptico, nos quatro excertos, de que estamos na vida real vivendo um “pesadelo” (SCHENKER; MICHAEL; CHILD, 2007). O “homem do momento” (VEDDER, 2004) está fazendo a sua última reverência. Como, diante de tanta degradação, continuamos devastando o nosso planeta? “Como podemos dançar enquanto a nossa terra está girando? Como podemos dormir enquanto nossas camas estão queimando?” (HIRST; MOGINIE; GARRETT, 1987).

Enfim, a mensagem é: precisamos urgentemente modificar os nossos modos de ser e viver no mundo. Seria mediante um chamamento de terror e medo pelo fim da vida na Terra? É dessa forma que estamos sendo interpelados por algumas letras de *rock and roll*. Diante da recorrência de enunciações como essas, foi possível problematizar um enunciado potente, que nos captura e nos faz olhar para crise ambiental de forma apocalíptica.

O que observamos, com base na pesquisa realizada e considerando os materiais analisados, é que se instalou em nosso momento histórico, social, político, cultural e ambiental um grande medo pelo fim do mundo, em decorrência das problemáticas ambientais. Será que estamos chegando ao fim dos tempos? A revolta da natureza seria “uma maldição nascida sobre os homens”? “Nosso futuro estaria desaparecendo”? “Há alguma esperança de que sobrevivamos”? (DONEGAN; DRAIMAN; WENGREN; MOYER, 2010). Muitas letras de *rock*, ao exporem uma visão apocalíptica, capturam-nos e nos fazem sentir uma sensação de medo, insegurança e incerteza quanto à possibilidade do fim da vida na Terra.

Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman (2008), na vida moderna, o medo nos acompanha como um sentimento que é familiar e comum a todos nós. No entanto, o mais assustador é o medo que não sabemos de onde vem, nem mesmo o que faremos para estancá-lo, barrá-lo – como o autor nos diz, é o medo do desconhecido! Sendo assim,

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivo claros; quando os assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em algum lugar se pode vê-la. “Medo” é o nome que damos a nossa *incerteza* [...] (BAUMAN, 2008, p.8, *grifo do autor*).

Tratando dos perigos motivados pelas problemáticas ambientais, tal sensação pode vir de qualquer lugar, de situações inusitadas que cada vez mais nos atravessam mediante situações reais, ou mesmo diante de um discurso de crise ambiental, anunciando o risco que corremos. A sensação de que podemos ser vítimas de uma catástrofe ambiental está fortemente retratada nas letras de *rock*, quer dizer, está entre os medos que fazem parte de nossas vidas, dos quais dificilmente poderemos escapar, desviar ou lidar. Assim, vamos buscando preservar a vida no planeta. Nunca sabemos quando a chuva inundará a nossa cidade, quando será o próximo terremoto, *tsunami* ou quando seremos atingidos por um longo período de seca.

Situações emblemáticas como essas são capazes de gerar, na sociedade, o que o autor chamou de “o sentimento de impotência”, ou seja, uma espécie de sentimento que reside em ameaças que não podemos perceber ou mesmo imaginar (BAUMAN, 2008, p. 32). É a instabilidade em que vivemos! Estamos suscetíveis a

catástrofes que chamam a atenção da população para os perigos naturais que nos acompanham e que, em frente às quais, nada poderemos fazer. Para o autor,

No ambiente líquido moderno, [...] a luta contra os medos se tornou tarefa para a vida inteira, enquanto os perigos que os deflagram – ainda que nenhum deles seja percebido como *inadministrável* – passaram a ser considerados companhias permanentes e *indissociáveis* da vida humana. Nossa vida está longe de ser livre do medo, e o ambiente líquido-moderno em que tende a ser conduzida está longe de ser livre de perigos e ameaças. *A vida inteira* é agora uma longa luta, e provavelmente impossível de vencer, contra o impacto potencialmente incapacitante dos medos e contra os perigos, genuínos ou supostos, que nos tornam temerosos (BAUMAN, 2008, p. 15, *grifos do autor*).

Seria o temor de uma catástrofe ambiental um dos medos que se tornaram “companhias permanentes e inadministráveis da vida humana”? Como lidar com tal ameaça que, a qualquer momento, podemos encontrar? O que observamos nos extratos colocados em análise é que eles evidenciam uma forma de alertar, convocar a população a pensar no futuro do planeta. Se não mudarmos nossas atitudes, “mais destruição poderá ser revelada” (DONEGAN; DRAIMAN; WENGREN; MOYER, 2010). Enunciações como essas são emblemáticas para pensarmos o quanto o enunciado de terror e medo pela perda do planeta nos faz ver, pensar e discorrer sobre a crise ambiental. Tal sensação entra em nossas vidas de forma avassaladora sem pedir licença, pois, afinal, é o futuro que está em nossas mãos. É preciso que cada um faça a sua parte para garantir um mundo melhor para todos.

O discurso da crise ambiental está em todos os lugares; nas histórias em quadrinhos, no cinema de animação infantil, nas letras de *rock and roll*. No entanto, é preciso questionar e problematizar a forma como muitas vezes essas enunciações chegam até nós. Ditos marcados por uma visão apocalíptica dão visibilidade ao enunciado em questão. Vale ressaltar que, ao analisar o discurso da crise ambiental presente no *rock and roll*, nossa proposta não se vincula a defender ou criticar posições a respeito de tais ditos, mas sim, problematizar, questionar, provocar o pensamento sobre os efeitos que chamadas como essas repercutem em nossas vidas.

Pensar no gênero *rock and roll* como um artefato cultural potente para problematizarmos o discurso da crise ambiental torna-se importante para apreendermos a relevância da cultura na produção de significados e práticas que nos permitem compreender o mundo e, com ele, tecer relações. Destacamos o

quanto somos atravessados e constituídos por sentenças como as que investigamos neste estudo, que nos colocam a conviver diariamente com as problemáticas ambientais. Nesse sentido,

Damos significados às coisas através da forma como as representamos, e esses significados estão sendo constantemente produzidos em diversos lugares e práticas sociais. [...] é notável a produção de significados em tão grande escala e velocidade nos dias de hoje, visto que os modernos meios de massa têm capacidade de produzir e difundir significados globalmente, alterando de forma crucial os relacionamentos já estabelecidos entre espaço-tempo. A representação cultural é uma das formas mais eficazes de instituição de significados [...] (KINDEL, 2003, p. 225).

As enunciações abaixo mostram como outras letras de *rock* nos interpelam e nos convidam a salvar o planeta mediante uma política pautada pelo terror do fim do mundo.

Humanidade “Auf wiedersehen”, é hora de dizer adeus, a festa acabou. O mundo que você criou acabou. (Humanidade). Em seus olhos, eu enxergo o fim dos tempos. “au revoir”. Adeus para sua insanidade. “Adios amigo” Chegou a hora. (SCHENKER; MICHAEL; CHILD, 2007, *tradução nossa*).

Enganados por este mundo que se destrói pouco a pouco. São levados a esmolar pra que possa sobreviver e alimentar a ilusão que o homem vai sobreviver. Mas todos vão ter que encarar que o mundo sujo não vai mudar e tudo, tudo vai acabar (POZZI; POZZI, 1985).

“Auf wiedersehen”, “Au revoir”, “Adios” (SCHENKER; MICHAEL; CHILD, 2007) – Enfim, é hora de dizer adeus. Chamamentos apocalípticos como esses, os quais colocamos em evidência, aparecem com recorrência nas letras que fazem parte desta pesquisa. Mas não é só isso! As enunciações estudadas apontam para o homem a responsabilidade dos rumos que nosso futuro poderá tomar se alguma providência não for tomada a tempo. “O relógio da bomba está rolando”, ou seja, está prestes a explodir e o “nosso futuro está desaparecendo” (DONEGAN; DRAIMAN; WENGREN; MOYER, 2010). As letras indicam o fim da vida na Terra e fazem-nos pensar na importância de mudar nossos modos de ser, de viver e de estar no mundo, pois, caso contrário, estaremos “condenados” (POZZI; POZZI, 1985) a sofrer as consequências. Esta é a nossa dívida: “– A mãe terra mostrará seu lado mais negro e cobrará seu preço” (DONEGAN; DRAIMAN; WENGREN; MOYER, 2010).

Entendemos que, mediante tais enunciações, vamos nos constituindo enquanto sujeitos e, assim, internalizando um discurso de que precisamos adquirir

estratégias que garantam o bem-estar da natureza e da vida humana no planeta. A importância de destacar tais ditos se dá por nos permitir mostrar o quanto *rock and roll* nos captura, fazendo-nos pensar na crise ambiental a partir de enunciações pautadas por visões apocalípticas. Diante disso, entendemos que tais enunciações entram na ordem do discurso verdadeiro. A crise ambiental presente nas letras de *rock and roll*, assim como na mídia, constitui-se como um discurso legítimo e verdadeiro que atinge a cada um de nós, a população de um modo geral.

Ao anunciar a necessidade de mudarmos nossas atitudes com o ambiente natural para, no futuro, não experimentarmos outras formas de vida ou, até mesmo, o seu fim, o *rock* vai auxiliando na constituição de modos de ser sujeito na contemporaneidade. Em outras palavras, vemos proliferar-se nos veículos de comunicação uma busca desenfreada para salvarmos o planeta por meio do medo, o qual nos captura e nos faz pensar nas ações diárias que tecemos com a natureza, além do quão necessário é preciso mudá-las. São os modos de vida da população que entram na ordem do dito, do visível.

Com a intenção de preservar e proteger o mundo de uma grande catástrofe, o discurso da crise ambiental veiculado na música circula o mundo por meio da mídia, mobilizando a sociedade a pensar e se preocupar com o futuro da vida. Muito mais do que a busca por um contato romântico com a natureza, entendemos que os artefatos culturais (aqui, especificamente, o *rock*) buscam criar estratégias de controle e segurança, no intuito de preservar e prolongar a vida no planeta. Os extratos de análise abaixo apresentam o que poderá acontecer no futuro se não intervirmos hoje, coletivamente, para salvar o planeta.

Tempo é um mestre perverso, coloque sua vida em suas mãos. Feche seus olhos e ele irá esmagar você. Raiva apenas faz com que você gire mais rápido. É uma maldição nascida sobre os homens. Transforma seus sonhos em desastre. Salve-me porque o mundo irá parar. Querido, 3, 2, 1 [...] A cortina final irá cair [...] Salve-me porque o mundo irá parar [...] Hoje à noite 0, 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1, venha e me salve porque o mundo irá parar. Querido 321 [...] Nós estamos caindo do topo, venha e me pegue [...] (SCHENKER; CHILD; FREDERIKSEN; PAIGE, 2007, *tradução nossa*).

[...] Então eles fizeram armas e motores. Com armas te caçavam, com motores nos cortavam. Você viu sua espécie aniquilada, você viu nossas sombras sumirem. Água e ar, vítimas de contaminação química. Você viu armas feitas com pedaços de nossos corpos. Você viu sua pele irmã a preço promocional na vitrine. Eles não viram nada além do lucro. Eles usam sua pele sentados sobre nossos pedaços. Eles têm projetos milionários para exterminar todos nós (POZZI, 1989).

Na hora que a queda luminosa da estrela brilhante acontecer e as placas de Strangelove estiverem quebradas e arranhadas. Na hora que o oleandro estiver caindo da resplandecência e as lágrimas de crocodilo molharem o sol. Na hora que você decidir [...] Eu ouvirei as baterias do paraíso também [...] Na hora que a Alameda paraíso estiver coberta de ferrugem e o arco, o brilho do dia estiver coberto em escuridão. Na hora que a estrutura das cidades estiverem desmoronando ao pó e os impérios e todos os emirados queimarem [...] Eu ouvirei as baterias do paraíso também. Gelo na montanha, vento e tempestade de areia vagam pelo deserto, velho e explodindo [...] Eu ouvirei as baterias do paraíso também [...] (MOGINIE, 1993, *tradução nossa*).

Isso é ótimo! Começa com um terremoto, pássaros e cobras, um avião [...] Olho de um furacão [...], ouça a si mesmo agitando. O mundo serve a suas próprias necessidades, o bobo serve a suas próprias necessidades [...] Escada começa a ranger com medo de cair [...] Uh, oh, enchente, população, grupo comum, mas isso servirá [...] Salve a si mesmo, sirva a si mesmo [...] O mundo serve a suas próprias necessidades, ouça o seu coração sangrar [...] É o fim do mundo como conhecemos. É o fim do mundo como conhecemos (BERRY; BUCK; MILLS; STIPE, 1987, *tradução nossa*).

Os excertos acima levam-nos a pensar na presença marcante de um mecanismo de defesa presente nas letras que é capaz de mobilizar a sociedade por meio do terror e do medo, dos riscos e perigos que corremos se não cuidarmos do planeta. As práticas diárias que tecemos com o nosso meio natural, se não repensadas, possibilitarão que algo muito terrível aconteça. Minimizar os riscos, cuidar do meio ambiente e respeitar a natureza evidenciam uma preocupação com o futuro da vida. Assim, as letras nos alertam: “Gelo na montanha, vento, tempestade de areia” – é o “deserto velho e explodindo” (MOGINIE, 1993). Enfim, “é o fim do mundo” (BERRY; BUCK; MILLS; STIPE, 1987). O tempo acabará com a vida da população: terremotos, furacões, enchentes, desmoronações de cidades, contaminações do ar e da água.

Dessa forma, enunciações catastróficas são colocadas em circulação, produzindo saberes e verdades referentes à crise ambiental. Tais chamamentos interpelam-nos, constituem-nos e fazem-nos pensar na necessidade de agirmos logo para não sermos acometidos por uma catástrofe. É a defesa da vida que está em jogo neste século XXI, tão bem retratada nas músicas selecionadas. Por sermos sujeitos disciplinados, somos capturados por esse discurso potente da crise ambiental que nos responsabiliza, fazendo-nos pensar que “o fim do mundo como conhecemos” pode estar próximo. Como nos diz a letra da música da banda alemã

*Scorpions*, estamos em contagem regressiva: 3, 2, 1 e “o mundo irá parar” (SCHENKER; CHILD; FREDERIKSEN; PAIGE, 2007).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, podemos evidenciar, a partir do *corpus* de análise, que o *rock and roll* também contribui para olharmos a crise ambiental de uma forma apocalíptica. Pautado pelo medo do fim da vida, o gênero musical selecionado para o estudo permite-nos dizer que artefatos culturais como este se tornam importantes ferramentas capazes de auxiliar como uma estratégia de controle social.

Queremos deixar claro que nossas análises afastam-se de uma generalização acerca da subjetividade. Não se trata de olhar para os ditos musicais e entender que eles fabricam sujeitos que escutam músicas como as aqui colocadas sob análise. Longe disso! Nossa intenção foi demarcar o quanto somos interpelados frente à crise ambiental instalada e, também, evidenciar a recorrência de enunciações que tomam o homem como agressor e culpado de destruir a natureza. E vale lembrar: é porque o discurso de crise ambiental é potente e as agressões ao planeta existem que enunciações como as aqui colocadas sob análise nos persuadem e são facilmente aceitas por nós. Não se trata de “manipulação”, mas de estratégias de força, de relações de poder, de jogos de verdade que se acionam, fabricando o sujeito que somos neste tempo contemporâneo.

Desse modo, na intenção de problematizar como o *rock and roll* nos faz pensar o atual momento de crise social e ambiental, pudemos encontrar, neste gênero musical, uma proliferação de ditos que entram na ordem do visível e do discurso verdadeiro. Vale questionar a forma como vimos sendo interpelados pelo discurso da crise ambiental. Muito mais do que tomar atitudes em prol da vida neste planeta diante de uma política pautada pelo medo, o fundamental é que possamos reinventar novas formas de ser enquanto sujeitos sociais e ambientais.

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das grandes crises maiores de nossa época (GUATTARI, 2008, p. 55, *grifo do autor*).

Nossa intenção foi provocar o pensamento e problematizar algumas verdades referentes à crise ambiental, que nos interpelam e nos constituem enquanto sujeitos deste mundo por meio da música. Como nos ensinou Foucault (2012), os enunciados apoiam-se, reforçam-se e articulam-se, dando visibilidade ao discurso. Ao colocar sob análise o discurso da crise ambiental na atualidade, podemos perceber que o enunciado aqui problematizado é um dos enunciados que dão força para sustentar o discurso ora analisado. Ao evidenciar que o fim da vida na Terra poderá estar próximo se não repensarmos nossas atitudes, o discurso da crise ambiental leva-nos a pensar que é devido às ações humanas que vivenciamos uma crise nunca antes imaginada por nós, possibilitando a perda de nosso planeta.

As letras de *rock and roll* fizeram-nos perceber que diferentes artefatos culturais vêm contribuindo para pensarmos no futuro da vida e de nosso planeta, além da forma como interagimos com o nosso ambiente. O enunciado que trabalhamos aqui e que sustenta o discurso da crise ambiental pode ser problematizado por cada um de nós, em especial por cada um dos leitores deste artigo. Que este estudo possibilite rupturas no pensamento, criando outras formas de dar visibilidade à crise ambiental que experienciamos.

### **VIRGÍNIA TAVARES VIEIRA**

Mestre e Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Professora substituta no curso de Música Licenciatura da UFPel.

### **PAULA CORRÊA HENNING**

Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. Professora associada do Instituto de Educação e professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental e do Programa de Pós-Graduação Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande- FURG.

### **REFERÊNCIAS**

BAUMAN, Z. *Medo Líquido*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BERRY, B.; BUCK, P.; MILLS, M.; STIPE, M. "It's the End of the World as We Know It (And I Feel Fine). Intérprete: R.E.M. In: R.E.M. *Document*: I.R.S Records, 1987. 1 CD. Faixa 6.

CARVALHO, I. *Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

DONEGAN, D.; DRAIMAN, D.; WENGREN, M.; MOYER, J. Another way to die. Intérprete: Disturbed. In: DISTURBED. *Asylum*. Austrália: Reprise Records, 2010. 1 CD. Faixa 5.

FISCHER, R. M. B. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, M. *Em defesa da sociedade*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. 29. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011, 295 p.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

GRANDE, S.V. de L. *O impacto do rock do comportamento do jovem*. 2006. 215p. Tese (doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras UNESP. Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP, 2006.

GUATTARI, F. *As Três Ecologias*. 19. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

HIRST, R.; MOGINIE, J.; GARRETT, P. Beds Are Burning. Intérprete: Midnight Oil. In: MIDNIGHT OIL. *Diesel and Dust*. Austrália: Columbia Records, 1987. 1 CD. Faixa 1.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. *A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

MOGINIE, J. Drums of Heaven. Intérprete: Midnight Oil. In: MIDNIGHT OIL. *Earth and sun and moon*. Austrália: Sony, 1993. 1 CD. Faixa 7.

MUGNAINI Jr., A. *Breve História do Rock*. São Paulo: Ed. Claridade Ltda, 2007.

PAIÃO, C. Ciência, música e sociedade: relações mais intrínsecas do que imaginamos. Disponível em:  
<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=54&id=682>.  
Acesso em: 10 out. 2010.

POZZI, E.; POZZI, P. Condenados. Intérprete: Cólera. In: CÓLERA. *Tente Mudar o Amanhã*. Brasil: Devil Discos, 1985. Lado B. Faixa 8.

POZZI, E.; POZZI, P. Bombeiros. Intérprete: Cólera. In: CÓLERA. *Verde, não devaste!* Brasil: Devil Discos, 1989. Lado A. Faixa 1.

**Atos de Pesquisa em Educação - ISSN 1809-0354**  
**Blumenau, v. 12, n.3, p.807-827, set./dez. 2017**  
**DOI: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2017v12n3p807-827>**

- SCHENKER, R.; MICHAEL, J.; CHILD, D. Hour 1. Intérprete: Scorpions. In: SCORPIONS. *Humanity – hour I*. União Europeia: Sony/BMG, 2007. 1 CD. Faixa 1.
- SCHENKER, R.; MICHAEL, J.; CHILD, D. Humanity. Intérprete: Scorpions. In: SCORPIONS. *Humanity – hour I*. União Europeia: Sony/BMG, 2007. 1 CD. Faixa 12.
- SCHENKER, R.; CHILD, D.; FREDERIKSEN, M.; PAIGE, J. 321. Intérprete: Scorpions. In: SCORPIONS. *Humanity – hour I*. União Europeia: Sony/BMG, 2007. 1 CD. Faixa 6.
- VEDDER, E. Man of the Hour. Intérprete: Pearl Jam. In: Pearl Jam. *Rearviewmirror: Greatest Hits 1991-2003*. Estados Unidos: Epic records, 2004. 2 CD. Faixa 16.
- WORTMANN, M. L. C. A Educação Ambiental em perspectivas culturalistas. In: H. CALLONI; P. R. G. C. da SILVA (orgs.). *Contribuições à Educação Ambiental. II encontro e diálogos com educação ambiental FURG*. Pelotas: Universitária UFPel, 2010. p. 13-38.